



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

QUANDO RASTROS E VAZIOS SE CRUZAM: O ÁLBUM FOTOGRÁFICO COMO TERRITÓRIO DE CRIAÇÃO

WHEN TRAILS AND EMPTINESSES CROSS: THE PHOTOGRAPHIC ALBUM AS A CREATIVE TERRITORY

Rafaelle Ribeiro Rabello
PPGARTES-UFGA

RESUMO

O texto a seguir é um recorte da pesquisa de Doutorado, que está sendo desenvolvida na Linha de Poéticas e apresenta os delineamentos conceituais em torno do processo criativo que se desdobra poeticamente a partir da apropriação de um álbum de fotografia antigo de família. O álbum em questão, observado como um espaço de sobreposições de tempo e espaço, desencadeou um movimento interno de pertencimento ao apresentar-se como um lugar de potência poética pelos indícios físicos que ali reside. Por meio da Realidade Aumentada vou ocupando os espaços vazios que o tempo deixou, seguindo os rastros e contando uma outra narrativa por meio de camadas visuais, textuais e sonoras, reconfigurando assim o álbum, que se expande e torna-se um espaço vivo de memória ativado pela experiência cívica.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Realidade Aumentada; Poética; Autoficção; Cívico

ABSTRACT:

The following text is a cut of the PhD research, which is being developed in the Line of Poetics and presents the conceptual delineations around the creative process that unfolds poetically from the appropriation of an old family photo album. The album in question, seen as a space of overlapping time and space, triggered an internal movement of belonging by presenting itself as a place of poetic power by the physical evidence that resides there. Through Augmented Reality I occupy the empty spaces that time has left, following the traces and telling another narrative through visual, textual and sound layers, thus reconfiguring the album, which expands and becomes a living space of memory activated by the cybrid experience.

KEY WORDS

Photography; Augmented Reality; Poetic; Autofiction; Cybrid

Considerações Iniciais



Nossa poética, definitivamente, é definida por ressonâncias afetivas que formam a base do nosso aventurar-se entre a tecnicidade e a artisticidade. Desse enlace afetivo, o processo de criação atinge uma zona mais visceral que ultrapassa a operacionalidade técnica do dispositivo e revela uma súbita conexão com histórias de vida, de um passado e memória que se revelam em encadeamento de elementos que me sugaram para a trama da narrativa.

De posse de alguns arquivos de família, os quais me foram repassados há alguns anos, possuo hoje um acervo bem grande de fotografias incluindo desde as mais antigas até registros mais atuais. O acúmulo dessas memórias impressas revela traços de histórias da família de meus avós maternos, parentes distantes, demais familiares com maior proximidade afetiva e a minha própria história. É, no entanto, um álbum fotográfico, o mais antigo de todos, que começa a despertar em mim um forte sentimento de pertencimento de um tempo e de um espaço que eu não fiz parte.

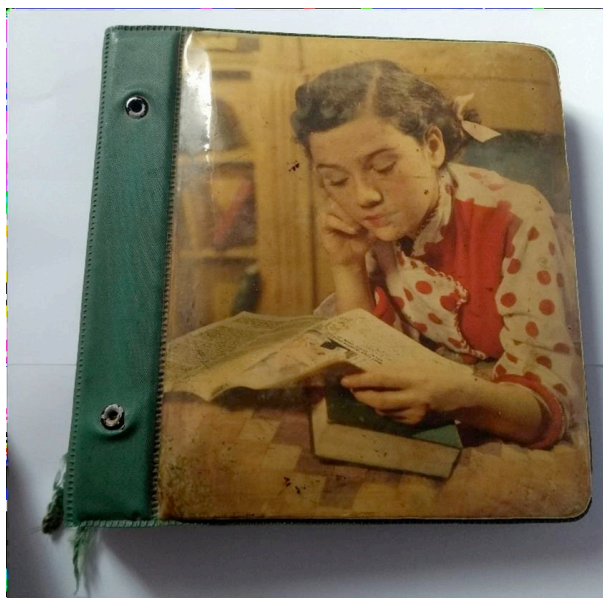


Figura 1: Álbum antigo de Família
Acervo Particular

O álbum (Figura 1), segundo relatos de minha mãe, é datado de aproximadamente os anos 1970, mas dentro dele, comporta uma sobreposição de tempos múltiplos que trazem rastros de histórias, recortes de tempos e uma narrativa alinear apresentada pela disposição das fotografias nas páginas.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

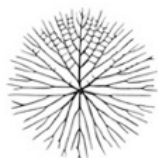
**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Lembro-me vagamente deste álbum na infância. Minha avó sempre o deixava na estante da sala ou em algum lugar acessível para que quem quisesse, pudesse folheá-lo. Mas é somente na adolescência que comecei a criar algum tipo de vínculo com ele. Adorava folhear suas páginas e observar tantos rostos desconhecidos naquelas fotografias amareladas e desgastadas pelo tempo. Ele guardava um mistério e isso me chamava atenção. Lacunas e vazios sempre fizeram parte dele. Algumas páginas permaneceram intactas e vazias, sem nenhuma intervenção. Outras, com o tempo, tiveram suas fotos arrancadasⁱ e se descolaram, deixando vestígios de que aquele espaço fora outrora ocupado pela imagem de alguém ou alguma coisa. A memória material remanescente neste álbum traz histórias de parentes e pessoas que não conheci, e daqueles que mantenho até hoje laços fortes de amor e ternura.

A maneira de encarar a presença da ausência e ao mesmo tempo a ausência da presença me provocava um movimento interno de querer cada vez mais pertencer aquele espaço. Foram inúmeras as vezes que me aproximei deste álbum e sempre me inquietava as lacunas e vazios que ele manifestava em sua narrativa. Mas, foi há pouco tempo, por uma súbita sensação de pertencimento aquele espaço, que comecei a preencher o seu “silêncio” e me tornar parte daquele espaço. Venho chamando este ato de movimento poético da autoficçãoⁱⁱ. Este conceito operatório compreende um movimento que se dá por meio da apropriação de um objeto, intervindo-o de maneira poética e tornando-se personagem ou se manifestando subjetivamente na narrativa fictícia. Para tanto, vou me articulando entre a linguagem fotográfica e demais recursos operacionais que os dispositivos móveis me possibilitam, afim de recriar o espaço em mesclas com o passado e o contemporâneo em um movimento de mistura de memórias.

O álbum fotográfico

O álbum carrega os efeitos do tempo sobre o material. Seu próprio manuseio lhe causou mutilações. Hoje, ele apresenta treze páginas totalmente vazias, incluindo aquelas onde as fotos desapareceram e aquelas que nunca foram interferidas; sete



páginas que contêm outras imagens, mas que apresentam rastros de ausência material de uma fotografia que ali pertencia; três páginas soltas e um fragmento do que foi um dia uma página completa. A imagem (Figura 2) a seguir apresenta em detalhe, o efeito do tempo sobre o álbum.

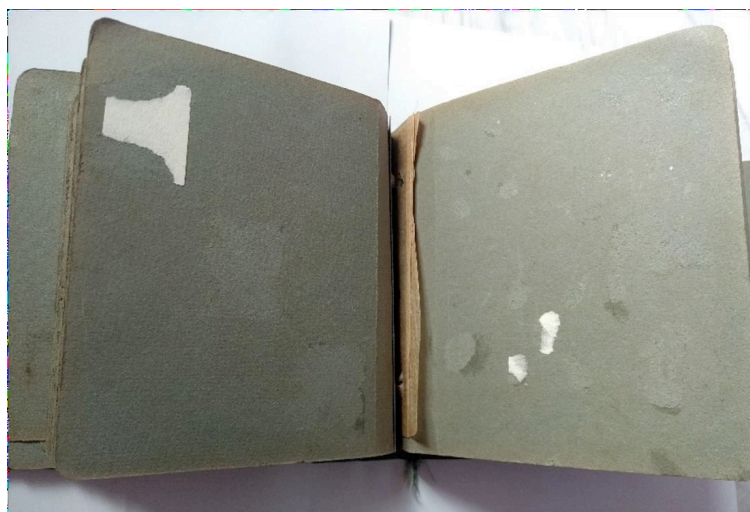
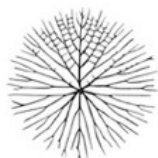


Figura 2: Detalhe do interior do álbum antigo de Família Acervo Particular

Um fato interessante sobre o álbum, diz respeito a duas fotografias que originalmente pertenciam a esse espaço, mas por razões que desconheço foram parar em outro local. Lembro de tê-las levado comigo em uma viagem que fiz aos Estados Unidos em 1998, quando tinha quinze anos. São fotografias de meus avós maternos e da minha mãe, que trazem recorte um recorte de um tempo que não vivi e que carregam uma camada emocional imensa para mim.

As duas fotografias ficaram guardadas em uma pasta por muito tempo e somente em 2016, quando comecei a reorganizar os arquivos fotográficos antigos, que atentei para um detalhe que antes tinha passado despercebido - elas faziam parte do álbum antigo, pois traziam em seu verso, os resquícios de suas páginas verdes. À princípio apenas coloquei as fotos dentro do álbum, sem procurar com afinco a página original da qual elas pertenciam. Foi recentemente, após uma nova reaproximação com o álbum que comecei a perceber os indícios daquele espaço tentando reconectar seus pedaços e construir uma outra narrativa.



Recoloquei a fotografia da minha mãe, de quando era bebê, na página da qual originalmente ela pertencia. Seus rastros no verso (Figura 3) me indicavam o caminho certo.

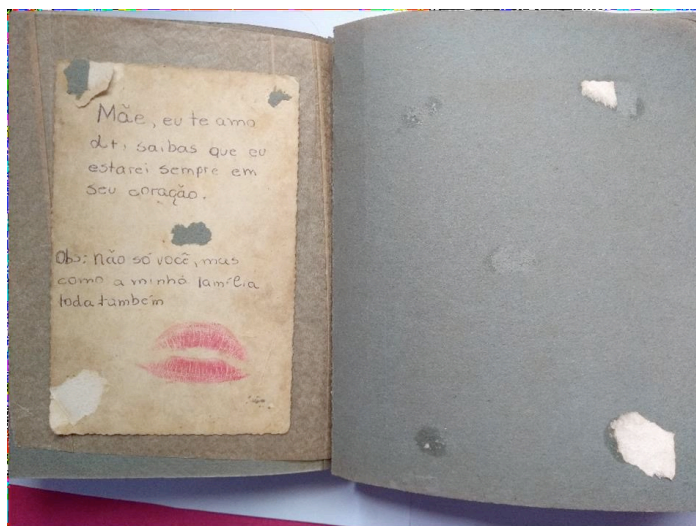


Figura 3: Recolocação da fotografia em seu lugar de origem
Acervo Particular

No entanto, os vestígios da fotografia de meus avós e minha mãe sentados em um restaurante no Arraial de Nazaréⁱⁱⁱ, me levou a constatar que seu lugar original já não mais existia. Assim, escolhi uma página do álbum que não tinha ainda sofrido interferência. Por coincidência, achei um espaço vazio justamente ao lado da outra imagem que acabara de reconectar.

Movimento Poético da Autoficção: o processo de criação

Ao me aproximar deste espaço de memória percebendo sua narrativa, identificando suas lacunas e juntando seus pedaços, me aproprio deste objeto ocupando poeticamente seus espaços e suas imagens como forma de pertencer ao encadeamento daquelas fotografias. O álbum apresenta-se como um espaço desconstruído pela ação do tempo e de sujeitos e através do movimento poético aciono uma série de acontecimentos, sobrepondo tempos e espaços distintos ao inserir meus acúmulos fotográficos, vídeo, texto e sonoridade que ativam este lugar como um organismo vivo revelando uma nova experiência com a memória.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O processo de reconfiguração desse espaço é acionado exclusivamente por vias digitais. Uma vez que o álbum representa, para mim, um patrimônio material, não me sentiria confortável de realizar uma intervenção física no objeto. O que foi ali deixado pelo tempo e pela ação de sujeitos, representam camadas importantes de memória que atribuem ao objeto um conjunto de elementos subjetivos que o ativam como um corpo vibrante. Como guardiã deste espaço, achei somente válido reconectar alguns elementos, tais como as duas fotografias que haviam se desprendido dele, como forma de preservar as imagens e a narrativa presente no álbum.

O processo de intervenção poética no álbum é acionado a partir da Realidade Aumentada ao integrar os elementos digitais em sobreposição aos elementos físicos. Dessa experiência híbrida, saltos temporais são permitidos, espaços vazios se revelam e imagens se hibridizam por camadas subjetivas de informações perceptivas tais como a visual, textual e sonora. A ideia de movimento poético da autoficção surge justamente por trazer produções fotográficas de minha autoria em mescla com as fotografias já presentes no álbum. Esse cruzamento de autorias que se desdobra na apresentação de uma outra narrativa, onde me incluo ora como personagem presente, ora como agente oculto, me possibilita transitar o encadeamento da memória e me sentir pertencente aquele espaço-tempo. Além disso, a autoficção é percebida dentro deste movimento pelo espectro ficcional e não pelo fictício, isto é, como pura invenção. O movimento se faz notar como uma mobilização de estratégias narrativas que enuncia acontecimentos que não estão relacionados com a fidelidade do vivido, mas na transposição do que foi sentido.

Para realizar o processo, comecei a pesquisar sobre alguns aplicativos de Realidade Aumentada que fossem acessíveis ao meu nível de conhecimento técnico. O *app Aurasma*, hoje atualizado para *HP Reveal*, surge como uma etapa importante para a operacionalização do conjunto da obra. No entanto, ele é utilizado somente para a visualização das camadas de informações no dispositivo móvel. O banco de dados de informações e a implementação são realizadas pela plataforma *online*^{iv} e executadas através do *browser* pelo *notebook*. Em conjunto, os dois sistemas me



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

permitem acionar o espaço do álbum, ativando seus lugares e imergindo na narrativa proposta.

O movimento poético da autoficção vai se configurando em camadas revelando imagens, sonoridade, textualidade e movimento dentro do espaço. As camadas desses objetos digitais (uns de minha autoria e outros não) acionados pelo aplicativo, reconfiguram o álbum em um espaço móvel de memória, uma vez que tais informações podem em um outro momento se deslocar, descontinuar e acionar outras memórias.

A escolha dos elementos que emergem do álbum dialoga diretamente com a visualidade e o ritmo que o álbum proporciona. Significa dizer que as camadas acionadas possibilitam aumentar a percepção do espaço de memória buscando por diversas vias manter vivo o sentimento de pertencimento aquele espaço.

Para este texto, apresentarei alguns momentos de imersão no espaço-tempo do álbum, pontuando as camadas afetivas que se apresentam em suas especificidades mas que em conjunto, ativam o espaço como um todo.

A imersão no álbum começa ao abri-lo. A primeira página (Figura 4) contém algumas marcas físicas dos vestígios deixados pela ação de alguém que retirou os retratos que faziam parte da composição original, sobrando apenas uma imagem da minha tia quando era criança. Ao utilizar o dispositivo móvel para adentrar o espaço, depara-se com um trecho^v do livro de Roland Barthes, Fragmentos de um Discurso amoroso, retirado do capítulo que ele nos apresenta sobre a Ausência.

Ao deslocar este trecho do livro para dentro do álbum, revelo a intenção poética de produzir uma outra narrativa a partir dos fragmentos, rastros e fotografias encontrados no espaço de memória. Assim, vou propondo uma outra maneira de relacionar-se com um álbum de família, sobrecarregando-o de instâncias diversas que surgem da relação entre os elementos físicos e digitais.

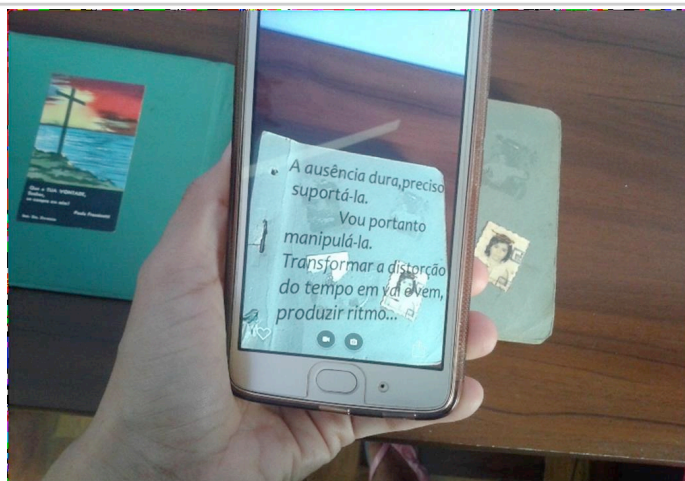


Figura 4: Visualização por dispositivo móvel utilizando *app HP Reveal*

Dentro do álbum contém muitas páginas, especificamente doze delas, que carregam retratos 3x4 de familiares, parentes conhecidos e outros desconhecidos. No entanto, em sete páginas, das doze com fotografias 3x4, uma ou mais desapareceram deixando indícios de que um dia ali pertenceram.

A partir desta constatação, e impulsionada pelo incômodo da ausência, começo a preencher esses espaços com minhas fotografias buscando alcançar uma coerência com a narrativa ali registrada. Para isso, acessei meus acúmulos fotográficos^{vi} e fui buscando nessas imagens pessoas que acabaram saindo naquele recorte, mas que para mim, eram desconhecidos. Sujeitos que nem mesmo o rosto eu conhecia, mas que faziam parte daquela imagem fotográfica da qual, eu também pertencia. Fui vasculhando e selecionando as imagens onde pessoas apareciam de costas representando personagens incógnitos. Assim, comecei a preencher as lacunas deixadas através dos rastros brancos de papel ou vestígios de cola com aquela gente que não conheci, mas que estiveram comigo no mesmo tempo e espaço. (Figura 5)



Figura 5: Visualização por dispositivo móvel utilizando *app HP Reveal*

O processo de intervenção poética no álbum ultrapassa o plano visual e estático ao acrescentar camadas de informações que promovem uma percepção mais íntima e visceral de uma narrativa desenvolvida entre a realidade e a ficção. Atingida emocionalmente por intervalos vazios do álbum aciono por meio da realidade aumentada instantes vividos que resultam em uma colagem de memórias móveis.

Dentro do álbum vou construindo um encadeamento de cenas e ambientações que representam para mim uma atmosfera imersiva nas narrativas que não vivi. Perante os rastros presentes neste lugar, o que salta é um sentimento de nostalgia. Porém a sensação de nostalgia nos atinge somente quando vivemos algum momento do passado? Como superar a saudade de alguém, ou de um lugar que eu não conheci ou pertenci? Como reviver um espaço/tempo de uma outra pessoa? Essas questões vão sendo resolvidas à medida que vou compreendendo as vibrações do álbum e superando a ausência com a presença das intervenções poéticas.

Para este pequeno espaço de memória vazia, existe uma latência de acontecimentos. Destarte, através desses rastros físicos reconfiguro a narrativa acessando arquivos pessoais diversos, incluindo fotografias e vídeos de minha autoria, assim como demais fotografias que hoje fazem parte de meu acervo pessoal.

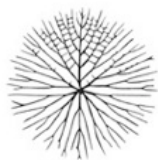


Figura 6: Screenshots da interface de visualização do aplicativo *HP Reveal*

A imagem acima (Figura 6), nos apresenta um recorte do movimento poético da autoficção dentro do álbum ao inserir dados dinâmicos e estáticos nos espaços vazios. Do lado esquerdo emerge da página, um vídeo de minha autoria realizado em 2018. O vídeo traz um registro do rio Meruú na travessia da balsa em direção a cidade de Cametá-PA. Das fotografias que se justapõem à direita, apenas uma é de minha autoria (fotografia do detalhe de uma árvore no canto inferior direito). As demais, fazem parte de um outro álbum, guardado sob minha responsabilidade. O conjunto dessas imagens deslocadas de seu território “original” juntamente com o vídeo, cria uma narrativa de ficção da chegada a cidade de Abaetetuba, onde nasceram meus avós maternos. Local que nunca visitei.

É através do movimento poético que alcanço as memórias de um lugar, que me faço pertencer, embarcando numa viagem rumo ao local de origem de parte de meus parentes. Há um desencadeamento de emoções imaginárias ativando o fluxo da narrativa criada que apresenta a minha chegada na cidade e meus registros fotográficos das casas ribeirinhas, do barco que me levou ao local e dos detalhes de árvores que ali prosperam.

Considerações Finais

Ao conectar os elementos afetivos, elos fotográficos, saltos temporais, vou aos poucos construindo uma ponte cíbrida de acesso a esses tempos e outros territórios e ativando o conjunto desta intervenção.



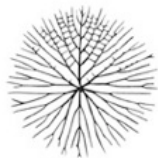
IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O álbum me apresenta múltiplas maneiras de pertencimento. Os vazios me incomodam, mas as fotografias que nele estão, também me provocam um desejo de me tornar parte integrante daquele fragmento espaço/temporal. A fotografia não é uma cópia fiel da realidade. Nunca foi. Ao enquadrar algo, muitas coisas vão ficando de fora. Como um recorte, ela transita entre a realidade e a ficção nos apresentando um caminho de possibilidades de ação.

O álbum configura-se a partir da sobreposição de informações, combinando diferentes espaços coexistentes, ao apresentar um outro tipo de álbum físico sobrecarregado de camadas de dados dinâmicos adicionando assim, uma nova percepção geométrica do espaço. Nesse sentido, perceber o álbum a partir da ideia de espaço aumentado, segundo considerações apontadas por Manovich (2005), promove um aumento da percepção das dimensões no qual nos relacionamos. Anders (2003) corrobora com este conceito ao discutir sobre a projeção do virtual na realidade cotidiana. O autor aponta-nos a noção de ciber+híbrido (junção dos termos ciber+híbrido) para explicar a capacidade de habitar tanto o espaço eletrônico, quanto o físico. Esta experiência, segundo Anders, ocorre a partir de “processos em conexão ao ciberespaço antrópico, em mesclas de comportamentos vividos numa coexistência entre o espaço físico e o espaço digital.” (p.56). Levando em consideração a concepção apontada pelo autor, a experiência da intervenção poética realizada no momento da apropriação do álbum de família, compreende, portanto, etapas de ações poéticas que tangenciam os delineamentos em torno do ciberidismo.

Ao querer penetrar em um passado que não foi meu, acionando camadas subjetivas, de informações produzidas no interstício da realidade e ficção que a fotografia me permite, vou percebendo o álbum para além de um espaço de memória, mas como um lugar de experiência que se abre e se mostra disponível a intervenções. A imagem fotográfica em diálogo com inúmeros recursos auxiliares me mostra um segredo – ela abre o caminho para outros lugares. Lugares que se revelam ao olhar fotográfico em mesclas com espaços e que nos permite conhecer e acessar outras



realidades. Esse novo universo que se desdobra, sai de sua condição latente e se desvela em multiplicidades espaço-temporais.

É desse súbito revelar, que me permito adentrar no visceral dessas configurações imagéticas que vão surgindo. Interfaces de afeto que surgem do movimento poético da autoficção, entre pausas, retornos e do fluxo entre o artista e pesquisador.

ⁱ Segundo relatos da minha mãe, algumas fotos foram arrancadas do álbum por motivos pessoais. Os impulsos emocionais reconfiguraram o álbum que apresenta hoje vestígios materiais de um movimento interno subjetivo.

ⁱⁱ O termo é amplamente discutido no livro *Ensaio sobre a autoficção* organizado por Jovita Maria Gerheim Noronha.

ⁱⁱⁱ Espaço tradicionalmente conhecido na cidade de Belém-PA, especialmente nas comemorações do Círio de Nazaré que ocorrem todo ano no mês de outubro.

^{iv} <https://studio.hpreveal.com/>

^v “A ausência dura, preciso suportá-la. Vou, portanto, manipulá-la: transformar a distorção do tempo em vai-e-vem, produzir ritmo [...]” (BARTHES, 2003, p.39)

^{vi} Como venho chamando os registros fotográficos que fazemos de costume e que vamos arquivando e acumulando em nossos dispositivos e/ou em outras plataformas de arquivamento.

Referências

ANDERS, Peter. Ciberespaço antrópico: definição do espaço eletrônico a partir das leis fundamentais. In: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte e Vida no século XXI: Tecnologia, Ciência e Criatividade**. São Paulo: UNESP, 2003.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Marcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MANOVICH, Lev. **The Poetics of Augmented Space**. 2002, Disponível em: <http://manovich.net/index.php/projects/the-poetics-of-augmented-space>. Acesso em: 04 maio 2019.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a Autoficção**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.